

O talento dos poetas e as histórias da loucura: Foucault, Goffman, Szasz, Basaglia¹

Heliana de Barros Conde Rodrigues

Quais os efeitos da publicação, há 51 anos, de *História da Loucura*? Diz-nos Paul Veyne que “alguns dos historiadores franceses mais bem colocados não viram, inicialmente, o alcance da obra”. Foucault teria mostrado apenas que

a concepção que se tivera da loucura ao longo dos séculos havia variado bastante (...); tudo se dava como se admitíssemos silenciosamente que aqueles tempos de erros haviam passado, que fazíamos melhor do que nossos avós e conhecíamos a verdade em torno da qual haviam girado².

Ora, Georges Canguilhem ao menos não terá caído nessa armadilha. Pois quando seu ex-aluno, Michel Foucault, lhe expõe a tese que pretende defender, ele retruca lacônico: “Se isso fosse verdade, a gente saberia”. Após a leitura do texto, contudo, o “verdadeiro choque” por ele experimentado leva-o a aceitar a função de relator. Ao final da cerimônia de defesa teria se dado o diálogo que inspira o título do presente escrito: “Para falar da loucura, seria preciso ter o talento de um poeta, conclui Foucault (...). Mas o senhor o tem, responde Canguilhem”³.

Não pretendo resenhar essa tese feita livro, mas pluralizar essa arte *intransitiva* – a poesia, como a liberdade, não necessita de objeto que a complete⁴. E se Foucault a queria centrífuga, capaz de fazer fugir sob os respectivos pés o solo de marxistas, de historiadores e de filósofos, talvez, paradoxalmente, tenha sido um movimento como que de placas geo-poético-políticas um dos responsáveis por hoje podermos dizer que *História da loucura* constitui um *livro-acontecimento* – nele, a história do *outro* impele a que nos desprendamos de nosso governável *mesmo*.

Como Foucault, quase todos esses poetas que dele aproximamos estão mortos, ao menos na lógica do implacável Cronos. Mesmo nessa crono-lógica, no entanto, surpreende perceber que tanto Foucault quanto o canadense Erving Goffman e o italiano Franco Basaglia tenham nascido nos anos 1920 e falecido nos anos 1980.

1 Versão reduzida do trabalho apresentado no VII Colóquio Internacional Michel Foucault, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2011.

2 Veyne, P. *Foucault*. Seu pensamento, sua pessoa. Tradução de Marcelo J. de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 15.

3 Eribon, D. *Michel Foucault: uma biografia*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 112–117.

4 Veyne, P. *Foucault*, op. cit., p. 61.

Somente o húngaro, residente nos Estados Unidos, Thomas Szasz, também nascido nos anos 1920, permanece vivo e atuante aos 92 anos de idade.

Mas se os chamo em bloco de “talentosos poetas”, não é porque os dessingularize. Com tal procedimento, acompanho os do próprio Foucault. No âmbito descritivo, veremos como ele privilegiou assinalar antes as convergências que as dissonâncias entre *História da Loucura* e os trabalhos de Goffman, Szasz e Basaglia. Já em um plano analítico, vale evocar uma entrevista de 1977. Ali, convocado por Bernard Henry Lévy a repudiar as lutas dos anos 1960, sintetizadas no lema “Debaixo dos paralelepípedos, a natureza em festa”, Foucault retruca: “Existem momentos em que estas simplificações são necessárias. Para de tempos em tempos mudar o cenário e passar do pró ao contra (...). É preciso passar para o outro lado (...), mas para dissolver uma falsa unidade”⁵.

Passemos, pois, do pró ao contra – da pretensamente soberana razão ocidental ao talento dos poetas que a fazem vacilar – para, em seguida ou em paralelo, apreciar as distâncias entre métricas e líricas, ritmos e vazios.

Um prefácio suprimido

Em lugar de sustentar polêmicas que julga estéreis, Foucault prefere lançar ao esquecimento aquilo que as despertara: o prefácio da primeira edição de *História da Loucura*. Nele, “por regra e por método”, afirmara reter uma só verdade da loucura e da razão, a do poeta–resistente René Char: “Eu retirava das coisas a ilusão que elas produzem para se preservar de nós e lhes deixava a parte que elas nos concedem”⁶.

Rememoro algo do que esse prefácio nos concede: o desenvolvimento – ainda palavras de Char – de uma “estranheza legítima”⁷. Quem sabe hoje, refeitos seja da indiferença seja do choque, bastem para tanto dois fragmentos. O primeiro diz ser constitutivo

o gesto que divide a loucura, e não a ciência que se estabelece, uma vez feita essa divisão, na calma recobrada (...). Será, portanto, preciso falar desse primitivo debate sem supor vitória, nem direito à vitória; falar desses gestos incessantemente repetidos na história, deixando em suspenso tudo que pode fazer figura de conclusão, de repouso na verdade⁸.

Já o segundo adverte:

Poder–se–ia fazer uma história dos limites – desses gestos obscuros, necessariamente esquecidos logo que concluídos, pelos quais uma cultura rejeita alguma coisa que será para ela o exterior (...). Interrogar uma cultura sobre suas experiências–limite

5 Foucault, M. Não ao sexo–rei. In: _____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 238–239.

6 Citado por Foucault, M. Préface à Folie et Déraison. In: _____. *Dits et Écrits I*. Paris: Gallimard, 1994, p. 166–167 [Prefácio (Folie et déraison)]. In: _____. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Ditos e Escritos, v. I. Organização Manoel B. Motta. Tradução Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999].

7 *Ibidem*, p. 167.

8 *Ibidem*, p. 159–160.

é questioná-la, nos confins da história, sobre um dilaceramento que é como o nascimento mesmo de sua história. Então, encontram-se confrontados, em uma tensão sempre prestes a desenlaçar-se, a continuidade temporal de uma análise dialética e o surgimento, às portas do tempo, de uma estrutura trágica⁹.

Insisto nas virtualidades do hoje, pois a força desse prefácio nos convida a estranhezas renovadas: penso naqueles que atribuíram a Foucault a ambição de atingir uma experiência da loucura em estado selvagem (quando ele fala em experiências-limite); nos que o classificaram como crítico romântico de uma exclusão (quando ele insiste numa troca perpétua, afrontamento que dá sentido tanto à unidade quanto à oposição entre o sensato e o insensato); por fim, nos que viram na loucura, para Foucault, o negativo, o recalcado, o proibido (quando ele visa justamente confrontar essas dialéticas apaziguadoras com as inquietantes estruturas do trágico).

Para que sejamos estrangeiros a esses (pretensos) mal-entendidos, talvez tenha sido indispensável que Foucault se visse tomado por discursos e práticas outros – eventualmente sob hábitos mais científicos que literários, mais militantes que filosóficos, porém invariavelmente distanciados das verdades terminais relativas ao homem, à psicopatologia e à psicologia, à sociedade como um todo, à história total etc. Passemos, pois, a essas conexões.

Goffman, Foucault e os insetos

Após a morte de Erving Goffman, Howard Becker publica um artigo sobre seu antigo companheiro da Escola Sociológica de Chicago, no qual chama a atenção para certo modo de escritura. Ciente de que o cientista social não é o primeiro a se aproximar dos campos que investiga, Goffman procuraria evitar o modo como as coisas são habitualmente chamadas¹⁰. Como fazê-lo, por exemplo, no caso do estudo realizado no Saint Elizabeth, hospital psiquiátrico de Washington, onde, em um paralelo com a problematização foucaultiana, as coisas já vinham carregadas de palavras-verdade?

Segundo Becker, a linguagem de Goffman é como a de um entomologista: mediante termos “quase neutros” como escalonamento, despossessão de papel, exposição contaminadora, internos, equipe dirigente etc., ele bem poderia estar descrevendo a vida de uma “sociedade de insetos”¹¹ – o que o desobriga de adjetivações ou denúncias, sem que por isso o efeito crítico sobre o leitor se veja atenuado. Vale lembrar, não sem ironia, que ao reportar-se à repetida decisão de nossa cultura de separar da linguagem da razão um outro, Foucault a vê constituindo esse outro como um “murmúrio de insetos sombrios”¹².

9 Ibidem, p. 161.

10 Becker, H. As políticas da apresentação. Goffman e as instituições totais. In: Gastaldo, E. (org.). *Erving Goffman. Desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004, p. 101–102.

11 Ibidem, p. 104.

12 Foucault, M. *Préface*, op. cit., p. 164.

Traduzido para o francês em 1968, *Asiles*¹³ dificilmente deixaria de atrair a atenção de Foucault. Porém, não se encontram menções ao sociólogo em entrevistas publicadas na França. A primeira, discreta, parece datar de 1973, no Brasil, durante o curso *A verdade e as formas jurídicas*. Falando em “instituições no modelo panóptico” – religiosas, pedagógicas, correccionais e terapêuticas –, Foucault as correlaciona a “tudo o que os americanos chamam de *asylums* (asilos) e que um historiador americano analisou em um livro recente”¹⁴.

A maior parte das alusões, no entanto, ocorre nas visitas de Foucault aos Estados Unidos e, neste caso, eventualmente impera a tensão. Em 1979, por exemplo, diante de uma pergunta que sequer menciona Goffman, ele assim responde: “Nos EUA (...), foi dito que eu tentava fazer a mesma coisa que Goffman (...) – porém menos bem. Não sou um pesquisador de ciências sociais. Não tento fazer a mesma coisa que Goffman”¹⁵.

Conquanto não se devam tomar tais palavras por terminais – em 1982 e 1983, em Berkeley, Foucault usará Goffman para esclarecer suas próprias ideias¹⁶ –, essa distância afirmada em relação às ciências sociais soa como uma reverberação do curso *O poder psiquiátrico* (1973–1974). Sem citar Goffman, mas dizendo-se “muito ignorante acerca da antipsiquiatria e principalmente da psicossociologia”¹⁷ quando da redação de sua tese, Foucault leva a cabo, nesse curso, uma autocrítica do último capítulo de *História da Loucura*. Dentre outros aspectos, aos quais retornaremos, repudia a noção de instituição. Ela portaria dois perigos principais: (1) dar-se objetos já constituídos (o coletivo com suas regularidades funcionais e o indivíduo que é seu membro), quando o que cabe analisar são procedimentos de constituição; (2) centrar-se em um microcosmos fechado, correndo o risco de pô-lo à parte das estratégias em que ele toma seu lugar e exerce seus efeitos. Para Foucault, esses perigos abrem caminho para que, na análise das instituições, se precipitem “todos os discursos psicológicos ou sociológicos”¹⁸.

Szasz, Foucault e as inquisições

Em 1970, Thomas Szasz funda, com George Alexander e Erving Goffman, a Associação Americana para a Abolição da Hospitalização Mental Involuntária.

13 No Brasil, intitulado *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de Dante M. Leite. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. A tradução para o francês é de Robert Castel sob o título *Asiles*. *Etudes sur la condition sociale des malades mentaux*. Paris: Minuit, 1968.

14 Foucault, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução Roberto Machado e Eduardo J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nau, 1996, p. 110.

15 Foucault, M. Foucault étudie la raison d'État. In: _____. *Dits et Écrits III*. Paris: Gallimard, 1994, p. 803 [Foucault estuda a razão de Estado. In: _____. *Estratégia, Poder-Saber*. Ditos e Escritos, v. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003].

16 Ver, a respeito, Foucault, M. *Espace, savoir et pouvoir*. In: _____. *Dits et Écrits IV*. Paris: Gallimard, 1994 [Espaço, Saber e Poder. In: _____. *Segurança, Penalidade e Prisão*. Ditos e Escritos, v. VIII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982]; e *Politique et éthique: une interview*. In: _____. *Dits et Écrits IV*. Paris: Gallimard, 1994 [Política e Ética: Uma entrevista. In: _____. *Ética, Sexualidade, Política*. Ditos e Escritos, v. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004].

17 Foucault, M. *O poder psiquiátrico*. Curso no Collège de France (1973–1974). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 18.

18 Foucault, M. *O poder psiquiátrico*, op. cit., p. 19.

Em 1973, é eleito o “humanista do ano”. São bons motivos para que os periódicos franceses, à medida que os livros de Szasz começam a ser traduzidos, assediem Foucault com perguntas sobre as relações entre suas respectivas obras.

A primeira referência de Foucault a Szasz, entretanto, provém de *Avanti*, um periódico italiano, em 1974. Sempre queixoso quanto à recepção francesa de *História da Loucura*, Foucault se diz muito apegado a esse livro, “porque ele serviu de *tool-box* a pessoas diferentes umas das outras, como os psiquiatras da antipsiquiatria britânica, como Szasz nos Estados Unidos”. E acrescenta: “escrevo para utilizadores, não para leitores”¹⁹.

A segunda menção ocorre no Brasil. Em 1975, Foucault é entrevistado pelo periódico alternativo *Versus*, que o questiona sobre Laing e Cooper. Ele aproveita a deixa para multiplicar as abordagens não-médicas das irregularidades da conduta, citando os nomes de Bettelheim, Szasz e Basaglia. Mas não sem acrescentar: “todos desenvolvem seus trabalhos em função de suas práticas médicas respectivas. Na França, não é um médico que faz tal trabalho, mas um historiador como eu”²⁰.

Porém, falemos, conforme anunciamos, das declarações à imprensa francesa. Quando o livro *A fabricação da loucura* é traduzido, em 1976, *Politique Hebdo* pede que Foucault se pronuncie acerca de um eventual “tronco comum” entre as duplas leproso/doente mental (*História da Loucura*) e feitiçeiro/louco (destacada por Szasz). As respostas demolem a polêmica esterilizante que anuncia esboçar-se. Na visão de Foucault existiria, entre os ‘psi’, um mito segundo o qual “a feitiçaria é a loucura desconhecida”. Já para Szasz “não é o louco que é filho do feitiçeiro, mas é o psiquiatra que descende do inquisidor (...)”; “não é o doente que desmascara, *a posteriori*, a verdade do feitiçeiro. É a antifeiçaria que diz, com anterioridade, a verdade da psiquiatria”²¹.

As diferenças, todavia, não são ignoradas. Ao final da entrevista, diante de uma indagação sobre o potencial da psiquiatria privada, com demanda voluntária, esposada por Szasz, Foucault impressiona pela nitidez de seu posicionamento ético:

(...) ele [Szasz] quer dizer: (...) eu ouço o cliente, eu o desembaraço do esquema patológico; não o recebo como doente, não me apresento como médico (...). Os psiquiatras vendem caro o estatuto de doentes que atribuem a seus clientes. Szasz vende a não-doença a pessoas que se tomam por doentes. Problema: o que é precioso deve necessariamente ser vendido?²².

Em 1976, Foucault fala também ao *Le Monde*. Uma vez mais parte de aproximações com Szasz: o valor de *A fabricação da loucura* estaria em mostrar que a continuidade não reside no referente (antes, feitiçeiro; depois, louco), mas nas

19 Foucault, M. Prisons et asiles dans le mécanisme du pouvoir. In: *Dits et Écrits II*. Paris: Gallimard, 1994, p. 523–524.

20 Foucault, M. Asiles. Sexualité. Prisons. In: _____. *Dits et Écrits II*. Paris: Gallimard, 1994, p. 773 [Hospícios. Sexualidade. Prisões. In: _____. *Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Ditos e Escritos, v. VII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011].

21 Foucault, M. L'extension sociale de la norme. In: _____. *Dits et Écrits III*. Paris: Gallimard, 1994, p. 75 [A extensão social da norma. In: _____. *Filosofia e história da medicina*. Ditos e Escritos, v. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária].

22 Ibidem, p. 78–79.

tecnologias de poder (antes, inquisitoriais; depois, psiquiátricas). Em acréscimo, o livro de Szasz traria à luz, em correlação com as pesquisas do próprio Foucault, o interesse pela colocação da sexualidade em discurso, tanto por inquisidores quanto por psiquiatras e psicanalistas.

Mas a singularidade dessa entrevista talvez resida no modo como, ao acolher a proposta de Szasz de estudar os psiquiatras (e não os loucos), Foucault responde às críticas de que ele próprio é alvo, à época:

Todo mundo sonha escrever uma história dos loucos (...), passar para o outro lado. Ora, sob tal pretexto de se por à escuta e deixar falar os próprios loucos, aceita-se a divisão como já feita. Seria preferível colocar-se no ponto onde funciona a maquinaria que opera qualificações e desqualificações, colocando, uns em face dos outros, loucos e não loucos²³.

Essa aliança tática se prolonga até o momento em que o entrevistador qualifica Szasz como “individualista libertário”, por propor uma separação entre medicina e Estado. Não obstante Foucault reconheça o papel do “complexo médico-administrativo” nas estratégias contemporâneas de poder, efetua uma análise geopolítica do que vê como um equívoco: a identificação entre poder e Estado. Segundo ele, as posturas de Szasz derivam da situação de um húngaro – no Leste Europeu de então, tudo parece centralizado no Estado – que emigra para os Estados Unidos – onde predomina a convicção de que a liberdade começa onde cessa a intervenção estatal. Foucault não crê e nem acha que Szasz creia que se possa dizer “libertária” uma medicina meramente “liberal”. E chama em seu auxílio *O Psicanalismo*, de Robert Castel, obra que lança luz sobre “a grande trama ininterrupta que vai da triste enfermaria ao divã lucrativo”²⁴.

Basaglia, Foucault e os movimentos

As primeiras alusões de Basaglia a Foucault datam de 1964. A comunicação intitulada *A destruição do hospital psiquiátrico como lugar de institucionalização* favorece a apreensão do efeito que *História da Loucura* produziu no psiquiatra italiano. Membro do PCI e leitor assíduo da fenomenologia existencial, Basaglia percorrera, até meados dos anos 1960, um caminho bem semelhante ao de Foucault no início dos anos 1950. No caso deste último, tal caminho redundara na publicação de *Doença mental e personalidade* (1954), uma tentativa de conciliar a crítica da Psiquiatria Positiva, realizada através da noção de experiência, com a ênfase nos efeitos patológicos do contexto histórico-social, caracterizado pelas contradições e promotor de alienação.

Do mesmo modo que ocorreria com Foucault, a definição filosófica de experiência não satisfazia Basaglia, pois estando a análise da experiência associada à

23 Foucault, M. Sorcellerie et folie. In: _____. *Dits et Écrits III*. Paris: Gallimard, 1994, p. 91 [Bruxaria e Loucura. In: _____. *Problematização do sujeito*: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Ditos e Escritos, v. I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999].

24 Ibidem, p. 92.

prática asilar, o que era apresentado como descrição das vivências de um esquizofrênico, por exemplo, consistia efetivamente em uma descrição dessas vivências sob condições determinadas – o manicômio com suas contenções mecânicas e químicas; sessões de apresentação de doentes a acadêmicos de psiquiatria sob o olhar vigilante do médico–tutor e de enfermeiros–guardiães etc.

Até certo momento, acreditava Basaglia que a *epoché* das contenções conceituais e materiais – a colocação entre parênteses da doença mental, em suma – propiciaria a emergência do duplo até então subjugado – o doente e seu sofrimento originário. Porém, a leitura de *História da Loucura* promoveu uma radical interferência nessas ideias/intenções, ainda compatíveis com uma reforma humanizadora da psiquiatria. Na comunicação acima mencionada, afirma Basaglia:

(...) no fim do século XVIII – diz Foucault – não se assiste a uma libertação dos loucos, e sim a uma objetificação do conceito de sua liberdade (...), que, desde então, impeliu o doente a identificar–se gradativamente com as regras e o esquema da instituição, ou seja, a institucionalizar–se²⁵.

Sob a égide de *História da Loucura*, a chamada alienação mental não mais é passível, para Basaglia, de reencontro com uma experiência originária. Pois ela consiste em um regime que, através do próprio ato que objetiva alguém como doente mental, faz esquecer o acontecimento histórico de tal instauração e passa a descrever, como aspectos naturais de uma subjetividade alienada, o que uma prática divisória produziu/inventou.

Não seguiremos Basaglia em outras remissões a Foucault. Optamos por acompanhar este último em suas apreciações (e eventuais alianças) com o companheiro italiano, pois nelas se faz visível o que Pierangelo Di Vittorio denomina “uma estranha semelhança”²⁶ – aspecto que retomaremos em nossas conclusões.

Em 1971, Foucault concede entrevista a *La Presse de Tunisie*. As atividades do Grupo de Informação sobre as Prisões (GIP) estão em seus momentos iniciais. Tomado por esse movimento, Foucault declara que não se sente portador de uma obra: no momento, seu interesse se concentra nas práticas divisórias entre o lícito e o ilícito. Assombrado com tal postura, o entrevistador tenta reconduzi–lo ao que pensa ser “a” filosofia – que não seja a metafísica, mas, ao menos, a moral, reivindica. A réplica de Foucault não é menos surpreendente. Após queixar–se, uma vez mais, da recepção francesa a *História da Loucura*, assim a avalia: “Ainda recentemente, na Universidade, quando alguém falava desse livro aos estudantes, se fazia notar que não tinha sido escrito por um médico e que, conseqüentemente, se devia desconfiar dele como da peste”²⁷. No prosseguimento da fala, Foucault se vê, enfim, como parte de um “nós”:

25 Basaglia, F. A destruição do hospital psiquiátrico como lugar de institucionalização: mortificação e liberdade do “espaço fechado”. In: _____. *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica/Franco Basaglia*. Organização P. Amarante. Tradução Joana Angélica d’Avila Melo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 26.

26 Di Vittorio, P. *Foucault e Basaglia*. L’incontro tra genealogie e movimenti di base. Verona: Ombre Corte, 1999, p. 23.

27 Foucault, M. Un problème m’intéresse depuis longtemps, c’est celui du système penal. In: _____. *Dits et Écrits II*. Paris: Gallimard, 1994, p. 209 [Um problema que me interessa há muito tempo é

(...) há alguns anos se desenvolve na Itália, em torno de Basaglia, e na Inglaterra, um movimento que se chama antipsiquiatria. Essa pessoas (...) viram no livro que escrevi uma espécie de justificção histórica e de algum modo o assumiram (...) e eis que um livro histórico está em vias de ter uma espécie de resultado prático²⁸.

A conclusão do diálogo é ainda mais interessante:

Digamos, então, que eu estou um pouco invejoso e que agora gostaria de fazer eu mesmo as coisas. Em lugar de escrever um livro sobre a História da Justiça que depois será retomado por pessoas que porão, na prática, a justiça em questão, eu gostaria de começar por problematizar, na prática, a justiça e depois (...) se ainda estiver vivo e não tiver sido posto na prisão, bem, escreverei o livro²⁹.

Recusando o (quase) terminal

Ao colocar lado a lado Foucault, Goffman, Szasz e Basaglia, longe estamos de delimitar um grupo de autores a partir do qual se possa falar, à maneira de delegado ou representante. Nossos motivos são bem outros.

Primeiramente, ao chamá-los de talentosos poetas, remetemos – em adendo ao episódio biográfico citado, relativo à defesa da tese – a uma afirmação de Foucault em um debate sobre a poesia: “O poeta começa por ser o ignorante absoluto”³⁰. Exatamente por isso perturba familiaridades; descarta universais; ignora o respeito pela sociedade como um todo; trama o que se pode dizer “afastado da realidade”, pois esta é menos poder da realidade que realidade do poder.

Em segunda instância, pensamos em uma entrevista concedida a Paul Rabinow em 1984, quando a noção de consenso – nas formulações de Habermas e Arendt – recebe especial destaque. Foucault discorre longamente sobre o problema do “nós”, e assim se posiciona:

Não estou certo (...) de que no momento em que eu escrevia *História da Loucura* houvesse como que um nós prévio e acolhedor (...) do qual ele seria a expressão espontânea. Entre Laing, Cooper, Basaglia e eu mesmo não havia qualquer comunidade (...). Mas o problema se colocou para os que nos haviam lido, colocou-se também para alguns de nós, de saber se seria possível constituir um nós a partir do trabalho feito³¹.

o do sistema penal. In: _____. *Estratégia Poder-Saber*. Ditos e Escritos, v. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003].

28 Ibidem

29 Ibidem

30 Foucault, M. Débat sur la poésie. In: _____. *Dits et Écrits I*. Paris: Gallimard, 1994, p. 391 [Debate sobre a poesia. In: _____. *Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*. Ditos e Escritos, v. VII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011].

31 Foucault, M. Polémique, politique et problématisations. In: _____. *Dits et Écrits IV*. Paris: Gallimard, 1994, p. 594 [Polêmica, política e problematizações. In: _____. *Ética, Sexualidade, Política*. Ditos e Escritos, v. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004].

Trata-se, em suma, de um nós futuro, resultado sempre provisório de questões colocadas de maneira nova. Afinal, como quase vocífera René Char, “aquilo que vem ao mundo para nada perturbar não merece respeito nem paciência”³².

E como esse nós futuro, sim, merece respeito e paciência, retomemo-lo através do curso *O poder psiquiátrico*. Na primeira aula, revendo – provavelmente à luz dos impasses detectados nos companheiros poetas – os limites presentes em seu próprio trabalho, Foucault se distancia de três noções que utilizara em *História da Loucura*: a de *violência* – marcante nos antipsiquiatras ingleses e em Basaglia; a de *instituição* – já vimos o lugar que assume em Goffman (totais) e em Szasz (estatais); e a de *família* – base de todas as formas de controle da loucura para Laing e Cooper.

Em face dessas verdades (quase) terminais, exigem-se novos começos: a noção de dispositivo médico de poder ganha a cena e se vê apreciada por Foucault através de cenas de arquivo que remontam ao século XIX. Nessa análise, o vocabulário psicossociológico dá lugar ao pseudomilitar: está em pauta mais a vitória sobre uma força do que o convencimento/consolo quanto a erros-délfrios; mais o sobrepoder de uma realidade do que a presença prévia de uma verdade que fundamentaria uma prática terapêutica.

Nesse sentido, a aula de 23/01/1974 nos fala de duas séries na história ocidental da verdade: a da “verdade-raio” – verdade ritual, verdade acontecimento, verdade estratégia, verdade relação de poder – e a da “verdade céu” – verdade constatável, verdade demonstração e método, verdade descoberta, verdade relação de conhecimento. Acerca de seus vínculos com essas séries, Foucault propõe:

Eu gostaria de fazer valer a verdade-raio contra a verdade-céu; (...) mostrar, por um lado, como essa verdade demonstração identificada, grosso modo (...), com a prática científica, (...) deriva da verdade-ritual, da verdade-acontecimento; (...) como a verdade-conhecimento no fundo não passa de uma região e de um aspecto (...) que adquiriu dimensões gigantescas (...) da verdade como acontecimento e da tecnologia dessa verdade-acontecimento³³.

É com essas novas ferramentas que Foucault se aproxima do tema antipsiquiatria. Mestre em dismantelar cronologias instituídas, retorna ao serviço de Charcot na Salpêtrière para divisar, nas histéricas ali tratadas, as primeiras militantes do movimento: fornecendo crises sob medida, se por um lado alimentam o poder médico, por outro tornam sensível a suspeita de que Charcot fosse não aquele que conhecia a verdade-céu da doença, mas o que fabricava – verdade-raio – o seu artifício.

Segundo Foucault, a partir desse “momento Charcot” têm lugar dois movimentos: o primeiro, de despsiquiatrização do asilo, simplesmente desloca ou controla (sem limitá-lo) o poder do médico, em nome de um saber mais celestial.

32 Char, R. *A la santé du serpent*. Paris: Voix d'Encre, 2008, p. VII.

33 Foucault, M. *O poder psiquiátrico*, op. cit., p. 305.

Trata-se, no caso, de todas as tentativas de pasteurização do asilo, sejam elas não discursivas (psicocirurgia e psicofarmacologia) ou discursivas (a Psicanálise, com seu procedimento de associação livre, no qual, sempre, “é você quem o diz”).

Já o segundo movimento é o da antipsiquiatria da segunda metade do século XX. Não obstante ela se referir muito à esquizofrenia, para Foucault sua filiação remete à histeria – longa gestação de mais de cinquenta anos. Diferentemente do primeiro movimento, que, ao despsiquiatrizar a loucura, acaba por sobremedicalizá-la, a antipsiquiatria empreende uma efetiva desmedicalização ao ter em conta a verdade-raio, ao colocar as relações de poder – o direito absoluto da não loucura sobre a loucura – como o *a priori histórico* da Psiquiatria. Esse limite não é algo a ser respeitado; ao contrário, as diversas antipsiquiatrias são diferentes estratégias visando seu ultrapassamento possível.

Considerações finais

No livro *Foucault e Basaglia – o encontro entre a genealogia e os movimentos de base*, anteriormente referido, Di Vittorio resalta as referências recíprocas entre Foucault e Basaglia. Nas palavras desse filósofo que frequentou Trieste por longo tempo, Basaglia e Foucault são “intelectuais que não se bastam”³⁴: os movimentos de desinstitucionalização demandam a análise genealógica como forma radical de historicização, ao passo que esta última ganha sua verdade futura nesses movimentos desinstitucionalizantes – após a leitura de certos livros, não é mais possível pensar, agir e ser da mesma forma que antes.

Hoje, contudo, como também nos alerta Di Vittorio, os intelectuais se tornaram “inteiros”, e é dessa pretendida invulnerabilidade que sofrem. Talvez sua dimensão única seja a de “intelectuais moduladores”³⁵ – portadores de direitos, propositivos de reformas cosmético-midiáticas que têm por única meta “melhorar o possível”. E se esse diagnóstico nos incomoda, é hora de concluir este breve ensaio. Faço-o, “ignorante absoluta”, voltando às palavras daquele que Foucault tanto admirava, a ponto de figurarem, a seu pedido, na contracapa da edição francesa dos dois últimos tomos de *História da Sexualidade*, o poeta René Char: “A história do homem é a longa sucessão de um mesmo vocábulo. Contradizê-la é um dever”³⁶.

*Heliana de Barros Rodrigues é professora adjunta do Instituto de Psicologia da UERJ. Atualmente desenvolve a pesquisa intitulada *Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias*.

34 Di Vittorio, P. *Foucault e Basaglia. L'incontro tra genealogie e movimenti di base*, op. cit., p. 16.

35 Expressão utilizada por Edson Passetti no encontro *Foucault e a judicialização da vida*, UERJ, 2011.

36 Citado por Morey, M. *L'Éclair des orages possibles*. In: Orellana, R. C.; Fernández, J. F. (orgs.). *Foucault desconocido*. Murcia: Editum, 2011, p. 29.